

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

30 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de:

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno em 52 numeros, 2\$500 réis; Semestre em 26 numeros, 1\$300 rs.; trimestre em 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II — 9 DE ABRIL DE 1882 — N.º 7 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRASIL

Anno em 52 numeros, 7\$000 réis; semestre em 26 numeros 4\$000 rs.; trimestre em 13 numeros 2\$000 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. **Lino & Faro**, Rua do Ouvidor.

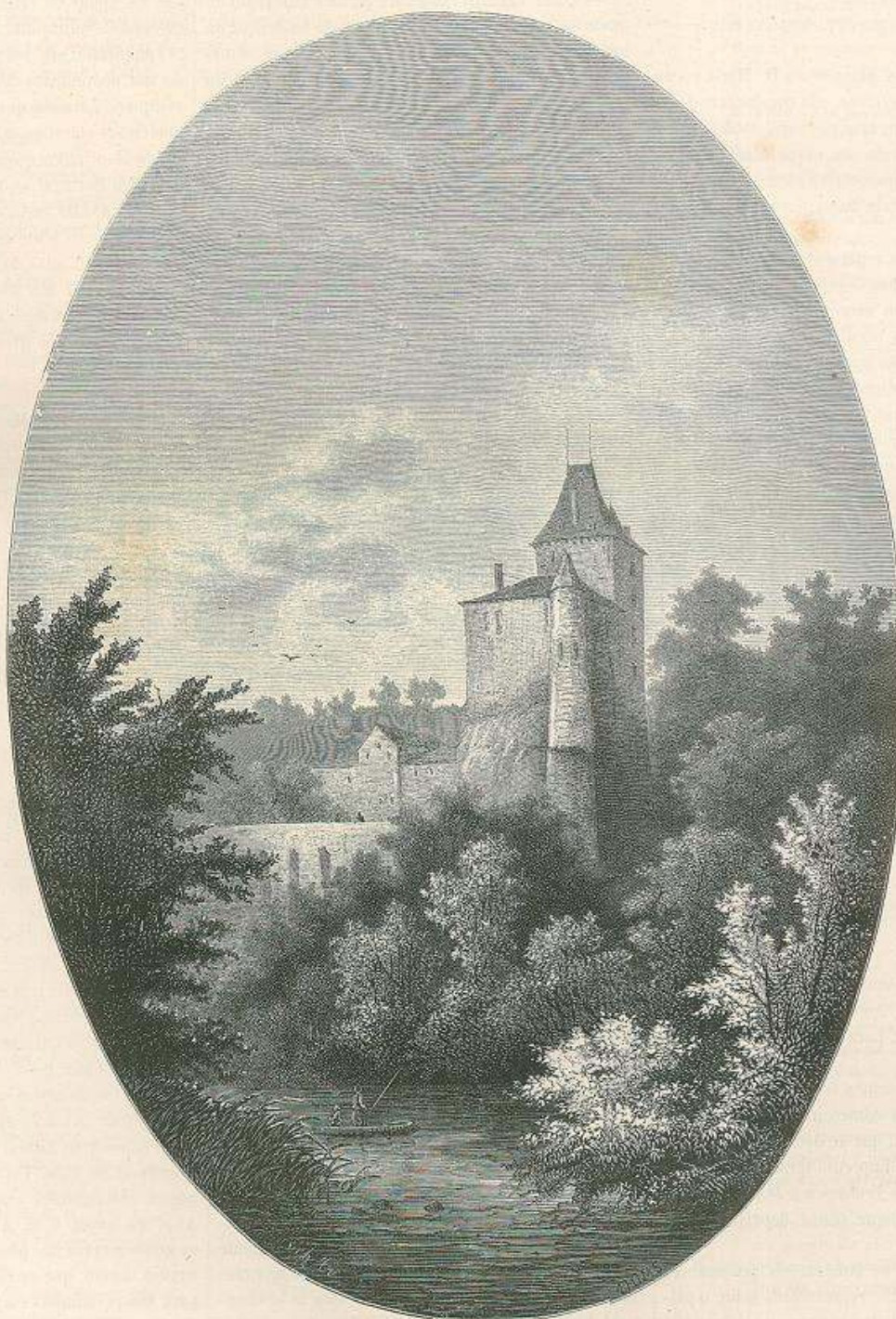
SUMMARY

GRAVURAS: Montjardin; A fé; Cavernas e agulhas de Chaleux; Estatua de Cervais em Hal.
TEXTO: Actualidades por Tekel; As nossas gravuras, por P. C.; Rosicler, por P. C.; Os crancos dos assassinos: O domingo historico por A. O.; A senhora de Niort, por Quatrelles; Horas d'ocio; Scenes da vida rustica, por Zacharias Aça.

ACTUALIDADES

Um dos casos mais fallados da semana foi a representação da *Beatriz*, opera do sr. Guimarães, cantada no theatro de S. Carlos nas ultimas recitas dadas pela companhia.

Estão talvez os leitores lembrados de que esta *Beatriz*, mesmo antes de subir á scena, provocou larga discussão na imprensa. A empresa de S. Carlos, pelo seu contracto com o governo, é obrigada a fazer cantar todos os annos uma opera nova. Diz, porém, o contracto que o maestro, auctor da partitura, deve ter reputação europeia, caso que se não dava, nem ainda hoje se dá, com o sr. Guimarães. A empresa, porém, requereu ao governo que lavrasse um decreto pelo qual o sr. Guimarães fosse considerado n'aquellas circumstancias, isto é — fosse considerado maestro de reputação europeia. O sr. Thomaz Ribeiro não quiz lavar o decreto. Começaram então a apparecer artigos em alguns jornaes condemnando o inqualificavel e insolito



MONTJARDIN

procedimento do sr. ministro do reino.

— Parece incrível, dizia já não sei quem, que o homem que escreveu esse immorredouro poema o *D. Jayme*, esse brado patriótico em toda a qualidade de metro, como para nos dizer que o patriotismo com todo o numero de syllabas vae bem, parece incrível que esse cavalheiro, a postatando das suas velhas crenças, renegando o antigo amor patrio, não queira hoje dar-se ao incommodo de lavar um simples decreto, elevando á cathedra de maestro de reputação europeia um homem em cujas veias correm semi-fuscas portuguezas!

O sr. Thomaz Ribeiro perante tão eloquentes oburgatorias pediu reunião do Conselho d'Estado. Reunido este, e lidos os artigos de varios jornaes, o sr. ministro do reino não teve remedio senão passar sob as forcas caudinas, elevando o sr. Guimarães a maestro de fama europeia. Elevado o sr.

Guimarães a maestro de fama europeia, estavam sanadas todas as dificuldades. Podia cantar-se a *Beatriz* em S. Carlos.

Cantou-se pois a *Beatriz* em S. Carlos; e como estava escripto no grande livro dos destinos que tudo quanto acontecesse a esta opera devia de ser extraordinario, aconteceu isto que não é de certo vulgar: — o publico applaudiu a *Beatriz* com entusiasmo, com furia, com delirio; a critica, talvez para n'alguma coisa estar de accordo com o publico, tambem fez largo uso do entusiasmo, da furia e do delirio; com esta pequena differença: — empregou tudo isto... em sentido contrario, isto é, para dar uma sova monumental na composição do maestro portuguez.

De modo que o sr. Guimarães a estas horas deve estar muito intrigado sem saber em quem acreditar, se no publico, se na critica.

Eu, a dar-lhe um conselho, dava-lhe este: — scepticismo absoluto.

— Se de S. Carlos passamos a D. Maria encontramos outra vez os criticos, não em absoluto desacordo com o publico, mas em absoluto desacordo uns com os outros. Tudo isto, como sabem, por causa da *Odetle*. É de veras notavel o que se tem passado com esta peça. Pode quasi dizer-se: — cada critico, cada opinião.

Quando a *Odetle* se representou em D. Maria, C. J. ou, uma vez que não é segredo para ninguem, o sr. Cypriano Jardim escreveu um artigo no *Jornal da Noite* onde a obra do sr. Sardou apanhava para o seu tabaco, não apanhando menos o desempenho. Passado quasi um mez, o sr. F. de C., ou, visto não ser mysterio para pessoa alguma, o sr. Ferreira de Castro vem a terreno defender gentilmente a *Odetle*, e o modo porque a representaram em D. Maria: ou, com mais verdade, desce á arena a accusar de injusto o sr. Cypriano Jardim, attribuindo a máo humor a sua critica. Preparava o sr. Ferreira de Castro as armas com que havia de entrar na liza a combater pela ultima filha de Sardou, quando eis subito apparece uma senhora dirigindo uma carta-critica ao sr. Castro, dizendo-lhe estar perfeitamente de accordo com elle, taxando de *charge violente* a apreciação do sr. Jardim, e apresentando, por fim, a sua opinião sobre a *Odetle*.

N'isto annuncia-se uma carta do sr. Jardim em resposta ao sr. Castro: o sr. Jardim declara ter ido para *Odetle* nas melhores disposições d'espírito; portanto, escreve s. ex.ª, se ha máo humor no meu artigo, esse máo humor é filho da *Odetle*: o sr. Castro começou a responder ao sr. Jardim, o qual de certo replicará, triplicando o sr. Castro, quadriplificando o sr. Jardim... Oh! senhores eu nem já sei o que digo!

Quanto á *Odetle*, — coitada! — lá vae arrastando a sua vida pelo palco, em quanto a *Virginia* do sr. Almeida não apparece, para então poder recolher-se a bastidores.

Mas nem por isso a critica se callará!

— O mez das flores começou mal para os navegantes. Foi a 1 de abril que se deu o terrivel desastre maritimo de que a imprensa tanto se tem occupado. Dois paquetes o *Yurach* e o *Douro* abalroaram, indo ambos a pique pouco depois do fatal choque.

Já todos conhecem os lamentaveis pormenores d'esta horrorosa tragedia, representada sobre o palco moveido das ondas, tendo por scenario um céu azul, constellado de estrellas, e por heróes o commandante e officiaes do *Douro*, heróes sublimes como nunca os sonhou nenhum tragico, dignos do res-

peito e do amor de quantos tem alma para comprehender estes rasgos de suprema abnegação, para celebrar os quaes a linguagem humana será sempre impotente.

Quando ás vezes lêmos: — passou o tempo das grandes heroicidades, já não ha heróes, — temos um sorriso de commiserção para os pessimistas que tal escrevem.

Que mais solemne desmentido a esses, do que o dado por aquelles bravos marinheiros, que encobrem o perigo para que o panico, o peor de todos os perigos, não impeça ninguem de salvar-se, e salvos quantos foram confiados á sua guarda, desaparecem no immenso sepulchro do oceano, martyres sublimes do sagrado principio do dever, da lei suprema da honra?

Louvado Deus, — ainda ha heróes.

— Como chronista cabe-me ainda a obrigação de mencionar dois factos: a cerimonia da collocação da pedra fundamental para o monumento elevado á memoria do marquez de Sá da Bandeira, e a elevação á grandeza d'estes reinos do sr. Delfim Deodato Guedes, inspector da academia das bellas-artes de Lisboa, e presidente da commissão executiva da exposição retrospectiva da arte ornamental.

O sr. Delfim Deodato Guedes foi agraciado com o titulo de conde de Almedina, titulo sonoro, com certo resaiho arabe, que possui, entre outras, esta vantagem: — de parecer contar oito seculos, tendo apenas oito dias.

Lembra certas arvores da Zambesia que, no dizer de um nosso eminente homem de estado, parecem, ao cabo de alguns mezes, verdadeiras arvores seculares!

Calho quando soube que o marquez de Sá ia ter monumento e que o sr. Deodato Guedes tinha condado, exclamou:

— Foram pagas duas grandes dividas de gratidão!
TEKL.

AS NOSSAS GRAVURAS

Montjardin

(Margens do Amblève)

O formoso castello de Montjardin, que a nossa gravura representa, fica situado na parte inferior do valle do Amblève, um dos mais pittorescos das Ardenas; o castello em si tem um aspecto delicioso, que a um tempo participa da physionomia da antiga residencia feudal e do moderno palacio aristocratico. Justifica Montjardin completamente estes dois destinos: como os gigantes de pedra da idade media, os seus alicerces radicam-se n'uma enorme massa de rocha que tem uns 160 pés de altura acima do nivel do rio, ao passo que, afogado no meio de um oceano de verdura, que não faz senão dar mais relevo ainda ao seu encantador aspecto e rodeado de magnificos jardins, dispostos em forma de terraços pela vertente da montanha, apresenta todo o encanto e toda a frescura de um *collage* moderno.

A paisagem que rodeia Montjardin firma com elle um todo harmoniosissimo: montanhas magestosas cujos pincares se perdem no seio das nuvens, collinas arborizadas ou cobertas de um tapete odorifero, rochas alpestres recortando caprichosamente no horizonte as suas formas excentricas, rio de aguas limpidas como um espelho a beijar com as suas ondasinhas azuladas a verde alcatifa das suas margens, riachos de graciosos meandros correndo ora pacificamente no seu leito de musgo, ora precipitando-se de rochedo em rochedo e formando mil clamorosas

cascatas; nada falta a esse paiz encantado a que dão ainda relevo lindas aldeias e casaes pacificos escondidos no fundo dos valles ou poeticamente suspensos da encosta das montanhas.

Não satisfeito ainda em manifestar n'estes sitios todas as suas bellezas á face do sol, quiz ainda a natureza dotar os arredores de Montjardin com as suas mais raras e mais mysteriosas maravilhas. Effectivamente defronte do castello, do outro lado do rio, fica no logarejo de Remouchamps a gruta famosa que em outra occasião descreveremos aos leitores do *Jornal do Domingo*.

O castello de Montjardin tem um vasto parque, uma verdadeira floresta, que o rodeia quasi por todos os lados, como querendo-o cobrir com a sua sombra tutelar. Esse bosque, notavel pela sua extensão e pela quantidade de magnificas arvores que encerra, sae do fundo do valle, e sobe em amphitheatro até ao cimo da montanha, cujo vastissimo plan'alto veste completamente. No seu recinto vêem-se os restos de um monumento digno de chamar a attenção do antiquario; era alli que se erguiam, n'uma das suas numerosas clareiras, as forcas patibulares do senhorio de Montjardin, que attestavam que estes fidalgos, como em Portugal se dizia, eram senhores de barço e cutello. Os vestigios, ainda visiveis, d'esse triste monumento n'um sitio selvagem e deserto, e debaixo das abobadas da floresta, não contribuem pouco para tornar um pouco melancolicas as impressões dos que vão gozar, no bosque de Montjardin, as delicias de uma fresca tarde de outono.

A Fê

O formosissimo desenho de que é copia a nossa gravura, e que, diga-se entre parenthesis, não é de modo algum uma gravura um pouco semelhante que figura no prospecto do nosso jornal, não se póde chamar verdadeiramente uma allegoria. Na allegoria não entram senão figuras symbolicas, as que figuram n'este quadro são verdadeiras e reaes.

Houve um naufragio, despedaçou-se o navio nas rochas, e os passageiros são sacudidos pelas ondas, que os arrojaram caprichosamente em todos os sentidos. Entre elles, uma doce menina, pura e casta como a Virginia do immortal romance de Bernardin de Saint-Pierre, poz toda a sua esperanza em Deus, e a vaga compadecida atira-a para junto de um rochedo em forma de cruz, a cujos braços ella se afferra n'um extasi de gratidão e de jubilo, enquanto um seu companheiro de infortunio, cuja não crispada sae das vagas, e procura agarrar-se a uma das reliquias dispersas e despedaçadas do navio, se affunda no abysmo temeroso, porque não acreditou no que havia de sublime e de santo na aspiração suprema para a protecção divina.

Quadro da vida real e symbolo ao mesmo tempo, esta scena deliciosa aponta a cruz como o unico abrigo contra as tempestades do mundo e da existencia, e, sejam quaes forem as duvidas ou mesmo as negações do nosso espirito, não podemos deixar de confessar que a *Fê* se póde considerar talvez como o esteio mais forte e mais poderoso que póde encontrar-se na vida. Foi com o bordão da *Fê* que os nossos antepassados sulcaram os invios desertos da Asia, da Africa e da America, foi o Santelmo que os guiou atravez das procellas, foi essa confiança no auxilio divino que os robusteceu e lhes deu forças para tão portentosas emprezas. A *Fê* ou na religião de Christo ou na religião da humanidade, a *Fê* ou nos presentimentos immortaes da alma humana ou no reconhecimento do futuro, a *Fê*, seja ella qual for, é indispensavel para todos os que lutam nos

grandes combates da vida. A negação é que nada edifica, a duvida é que nada levanta. Tristes dos povos, desgraçados dos seculos que vêem apagar-se nos seus horisontes as estrellas luminosas, que de tudo zombam, que de tudo riem, que não teem a allucinação sublime, a miragem da immortalidade. Entre-gues só aos cuidados da vida presente, confiando apenas nos recursos positivos que os rodeiam, quando a razão humana lhes diz que esses recursos lhes faltam, deixam-se devorar pelo abysmo. Assim essa mão crispada que só procura o soccorro material vae em breve desaparecer, apesar de ser de um forte luctador, e essa doce e adoravel menina que tem a visão da Fé, a confiança n'um ideal supremo, para elle caminha, para elle se esforça, e a cruz, que lhe apparecia como um sonho luminoso, toma uma forma palpavel e material n'esse rochedo que lhe estende os braços, a que cinge estreitamente o seu tenro corpo, e que a salvam da tempestade, cujos veus de horror fluctuam por toda a parte em torno d'ella.

Cavernas e Agulhas de Chaleux

(Margens do Lesse)

Um valle belga que só era conhecido pela gruta do Han, adquiriu ha alguns annos uma celebridade que espalhou o seu nome por todo o mundo scientifico.

Queremos fallar no valle do Lesse.

O Lesse é um rio que nasce na provincia do Luxemburgo, ao pé de Paliseul, entra na provincia de Namur, e lança-se no Mosa, acima de Dinant, depois de um percurso de cerca de quinze leguas.

Banha successivamente terrenos, em que dominam o schisto, o grez e o calcareo, o que dá ás suas margens, orladas de bosques, de rochedos e de risonhas aldeias, um aspecto extremamente variado.

Ainda que não fosse por conseguinte senão pelas suas paizagens, pela sua desaparição por baixo de rochas o Lesse mereceria já a attenção do viajante; mas, como dissemos, offerece outro genero de interesse. As escavações que apresentam as massas calcareas das suas margens revelaram restos que projectaram subita luz sobre a existencia do homem em seculos, cujos véus a sciencia ainda não rasgára, quer dizer o homem pre-historico, os seus costumes, a sua industria e o seu modo de sepultura.

Encontraram-se em primeiro logar restos humanos de uma estatura e de uma conformação crancana que lembra as dos Laponios e dos Esquimaus; depois restos de animaes, alguns inteiramente extinctos como o mammoth, alguns que já hoje não habitam nas nossas regiões, que não se encontram, senão nas regiões septentrionaes, como o urso, a renna etc.; e enfim, paus de renna lavrados, agulhas de osso, facas de sílex etc.

As principaes grutas eram as de Frontal e as de Chaleux. A primeira era um logar de sepultura, um ossuario, onde só havia dois crancos inteiros e onde os esqueletos de mulheres eram os mais numerosos. A segunda que está na cadeia de rochedos de que a nossa gravura apresenta um encantador specimen deu logar tambem a revelações extremamente importantes, iniciou-nos no conhecimento de um mundo inteiro de que não tinhamos nem a mais leve idéa; permittiu-nos penetrar na existencia domestica de uma familia de troglodytas.

Encontraram-se os vestigios de uma lareira, blocos de pedra que deviam ter servido de assentos, e espalhados á roda, uma multidão de objectos no meio dos quaes se encontravam mais de trinta mil sílex cortados, numerosos instrumentos de paus de renna, cristaes de fluorina, conchas perfuradas, cha-

pas de psammites, grandes quantidades de ossos de cavallos e de outros animaes com que se alimentavam os habitantes d'esse antro.

Resulta pois das descobertas em que acabamos de fallar que o homem da renna conhecia o uso do fogo, mas não o dos metaes, que a sua industria era muito simples; que os seus instrumentos cortantes eram de sílex, os seus dardos de chifre de renna, as suas agulhas de osso, que tinha alguns enfeites; que comia principalmente carne de cavallo, de urso, de javali e de raposa; que tinha para os mortos um logar especial de sepultura fechado com uma lousa, onde os corpos estavam postos uns em cima dos outros; que acompanhavam com refeições a cerimonia dos funeraes; e enfim que se reuniam junto do morto os objectos que lhe tinham sido caros, o que faz supôr o sentimento de outra vida.

Assim o valle do Lesse foi uma estação humana nas idades pre-historicas, e talvez fosse alli que se estabeleceram os primeiros homens que pisaram o nosso solo. Merece, por conseguinte, por todos os motivos, fixar a nossa attenção.

Estatua de Servais em Hal

A Belgica, mais grata do que nós somos aos homens que a illustram, não enche as suas praças com as estatuas dos chefes que os varios partidos exaltam durante a sua passagem rapida na terra, não perpetua a lembrança das mesquinhas luctas em que se consome a vida nacional. Não hesita em levantar n'uma das suas praças a estatua de um simples rabequista, de lhe collocar ao pé, immortalizado em marmore, o instrumento com que soube, durante a vida, enthusiasmar os seus contemporaneos. Se Servais fosse portuguez, havia de se procurar saber se tivera um posto qualquer na guarda nacional para lhe cingir uma espada de marmore. Pois Camões não florescia uma espada como se fossem os relampagos d'esse ferro vulgar que o cingiram aos olhos do mundo de uma esplendida aureola?

Servais é um dos grandes rabequistas d'essa grande escola belga, que deu ao mundo Vieux-temps, Bériot e M.^{me} Pleyel. Parece que a Belgica tem o segredo da inspiração que faz vibrar nas cordas das rabecas a grande alma musical do nosso tempo. Servais foi um dos mestres d'essa escola brilhantissima.

Morreu com 61 annos em 1868, tres annos depois erigia-se-lhe esse monumento que passa por ser uma das obras primas da esculptura moderna. Foi o genro do grande violinista quem a cinzelou em marmore. Sente-se pela gravura que a estatua deve ser effectivamente admiravel. Raras vezes se tem conseguido dar mais vida ao marmore do que a que revelam as linhas d'esse rosto de artista.

A estatua de Servais inaugurou-se em outubro de 1871, na Praça de Hal, defronte da admiravel casa da camara, cuja fachada é o encanto dos estrangeiros.

P. C.

ROSICLER

CANTIGAS POPULARES ANDALUZAS

Collecionadas por Fernan Caballero

(Conclusão)

Sentei praça de soldado,
Disseram-me: És pequenito,
E eu disse: Não dê cuidado,
Subo acima de um burrito.

Com um pão de munição,
Que el-rei de Hespanha me dá,
Aqui estou eu toda a noite:
Sentinella! Alerta está!

Á uma hora nasci,
As duas me baptisaram,
Deram tres, enamorei-me,
Logo ás quatro me casaram.

Lá nos montes de Jimena
Roubaram um boim lençol.
Os ladrões iam dizendo:
Não o pozessem ao sol:

Se o casar durasse um anno,
Uma semana ou um mez!...
Mas agora toda a vida!...
Lá n'essa caíam vocês!

Raparigas, se quereis noivos,
É fazel-os de papel,
Porque os rapazes da Hespanha
São da rainha Izabel.

A' noite á tua janella
Vi vulto negro!
Eu a supôr que era um homem!...
E era um gallego!

A um rapaz, e a um velho
Quero por distincta lei,
Ao rapaz pela sua cara,
Ao velho pela d'el-rei.

Não penses lá que te amo
Por seres por mim mirado;
Que isso... muitos vão á feira...
Por ver, e não compram nada.

Casa, João, ao domingo,
Segunda estarás casado,
E na terça irás saber
Onde se dá pão fiado.

Pintam a Cupido
Pequerruchito,
Porque é moda agora
Amar poucochito.

Tu não te fies nos homens,
Nem que jurem por mil cruces,
Que inda no altar mais pequeno
Ardem p'lo menos duas luzes.

São mesmo o diabo estes homens
Dizem as mulheres; ao cabo,
Não desejam outra cousa
Senão que as leve o diabo.

Trad. de P. C.

ELEONORA

Se tua imagem um dia se apagasse
d'esta alma que te adora,
e se um momento só ella oscillasse
ó pallida Eleonora,
tambem a minha vida se extinguiu
com ella, a luz serena do meu dia.

Porque te adoro, ó meigo cherubim;
e a tua doce imagem perfumada,
cheia de suavidade, é para mim
a luz d'uma alvorada.

Resumes para mim, ó mulher querida,
um mundo de alegrias,
tu vens entornar na minha vida
serenas phantasias.

Por isso digo, ó pomba, que se um dia
tua imagem se apaga
da minha phantasia,
acaba a luz serena do meu dia.

VICTOR NARCEU.

OS CRANEOS DOS ASSASSINOS

Agora que toda a gente tem fallado no revoltante crime da rua do Bemformoso, parece-nos interessan-

«As doutrinas phrenologicas do dr. Gall estão muito longe de ser exactas. Cumpre todavia confessar que a anthropologia moderna tem posto de manifesto factos geraes, que não deixam a menor duvida sobre as relações internas, que existem entre certas

ctéres especiaes, que poderiam chamar-se — a caracteristica do assassino.

Enumeremos resumidamente os resultados colhidos.

A medida do volume d'esses trinta e seis craneos



A PÉ

te apresentar aos nossos leitores uma parte dos estudos, que, sobre a conformação dos craneos dos criminosos, foram feitos por um distincto sabio francez, M. de Parville.

predisposições do individuo e a forma do seu craneo.

Um celebre medico teve na mão trinta e seis craneos de assassinos guilhotinados, e em todos elles encontrava pouco mais ou menos os mesmos cara-

demonstrou, que os assassinos teem a cabeça mais grossa do que a media dos outros homens. Em these geral, uma cabeça grande revela intelligencia ; uma cabeça pequena é tida como signal de mediocridade.

Pois bem. Os assassinos teem craneos excepcionalmente volumosos. Deverá deduzir-se d'ahi que esses desgraçados são de uma intelligencia tambem excepcionalmente desenvolvida?

Não; a grossura da cabeça não é mais do que um elemento nos complexos phenomenos, que denotam intelligencia, e as analogias apparentes entre o cerebro dos homens de bem e o dos criminosos limitam-se ao grande volume do craneo.

Os criminosos teem uma cabeça volumosa; mas o craneo, que é maior em comprimento e altura, é menos largo do que o craneo das pessoas intelligentes.

A testa do assassino é muito curta. Além d'isso, a zona parietal, ou os lados da cabeça, teem uma extensão característica. Esta parte do encephalo é de um interesse especial. Os homens da sciencia concordaram em que n'esta região estão as sedes motoras dos movimentos voluntarios, as faculdades impulsivas, etc. O desenvolvimento do craneo nos seus lados corresponde a faculdades de acção exagerada. Pouca região frontal e muita região parietal significam: pouca reflexão e muita acção. O criminoso parece ser um individuo em condições anormaes de constituição anatomica. Faz lembrar os homens das edades primitivas, cujos craneos apresentavam caracteres mais ou menos analogos. Os homens prehistoricos, vivendo em meio de perigos, deviam effectivamente ter os orgãos da acção muito desenvolvidos. N'aquelles tempos era necessario proceder o mais depressa possivel. Nas modernas sociedades a reflexão tem subjugado progressivamente a acção.

O exame do craneo não deixa duvidas a este respeito. O criminoso é propenso a proceder, e a sua intelligencia é muito mediocre. É um individuo dos tempos primitivos perdido no meio da civilisação actual. Trata-se—é inutil dizel-o—dos criminosos de profissão, e não dos individuos, que attentam con-

ra a vida do proximo em circumstancias especiaes, ou que se deixam arrebatar pelo ciúme, etc.

Os medicos das prisões já tinham insistido na pouca intelligencia do criminoso. O dr. inglez Nicholson diz: «A sua intelligencia não tem força para lutar com o impulso.»

Ainda ha mais. O exame do craneo dos guilhotinados accusa doenças cerebraes em quasi todos esses miseraveis. Entre 100 craneos de assassinos ape-

excessos e abusos de liquidos fortes produzem afecções cerebraes. Póde portanto dizer-se deante do criminoso: Procure-se bem, examine-se o cerebro com cuidado, e forçosamente se encontrará o caracteristico do crime. As desorganizações physicas trazem consigo perturbações mentaes, e um bello dia o crime origina-se de uma falta de equilibrio nas faculdades intellectuaes.»

Conclusão pratica: Desconfiemos sempre dos individuos que tiverem testa curta, cabeça esguia e desenvolvida nos lados.

Ainda que em Portugal a pena de morte esteja abolida por lei nos crimes civis, e de facto nos militares, digamos duas palavras sobre a questão de saber se um suppliciado soffre depois da secção do pescoço. Diz-se geralmente que os olhos dos guilhotinados voltam-se para o lado das pessoas que os cercam e chamam por elles. É pura illusão. O guilhotinado perde toda a noção do sentimento e de dor no momento, em que se produz a degolação.

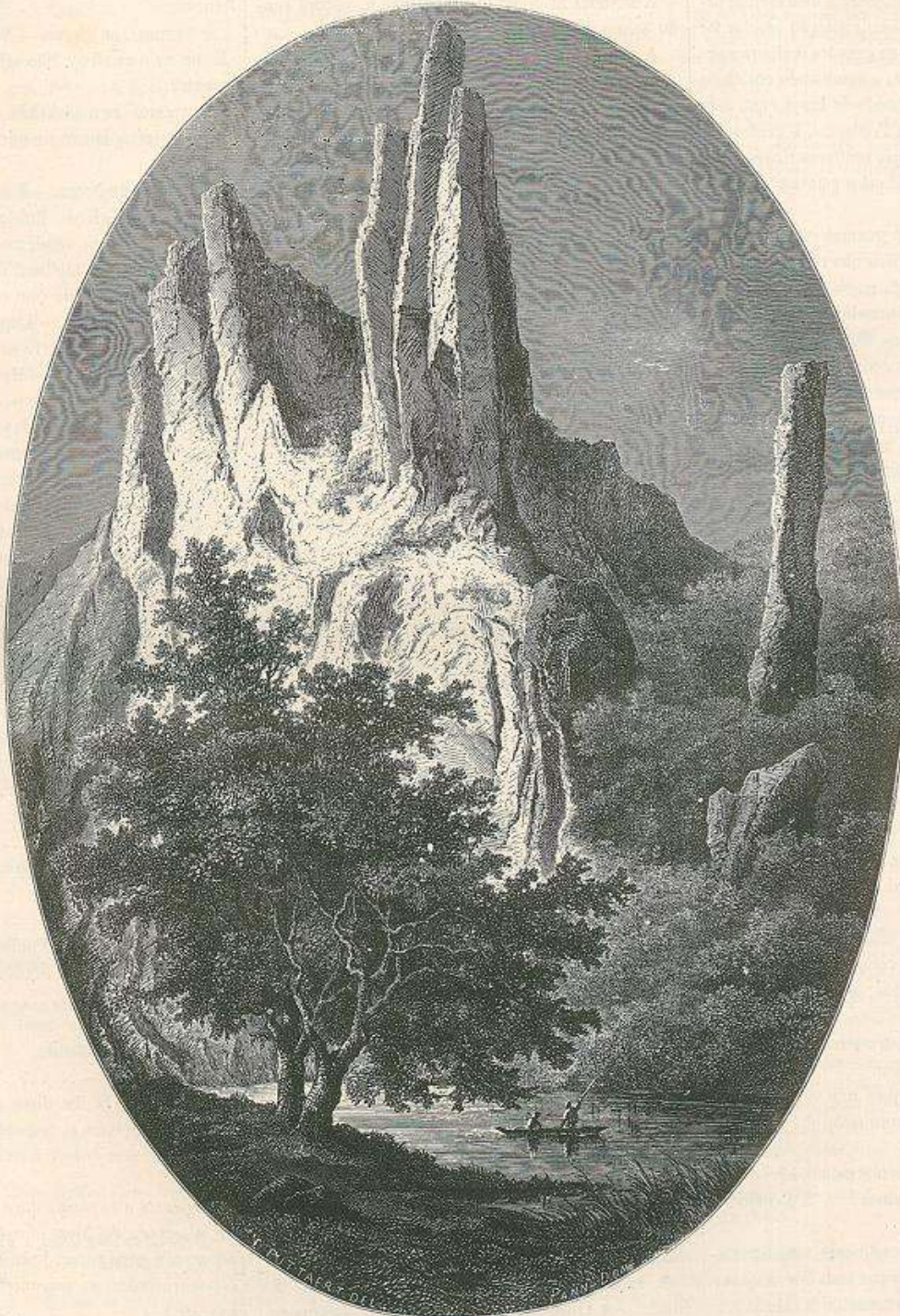
A erronea crença de que elle ainda continúa a sentir provém de que, afóra a vontade, os musculos contraem-se por acção reflexa, e imprimem movimento aos olhos, as maxillas, etc. É o automatismo. Com a corrente electrica póde levar-se a illusão ao ponto de fazer mover os musculos das mãos, braços, etc. O corpo inerte, ainda quente, obedece como o faria um automato; mas a sensação já tem de todo en todo desapparecido e o guilhotinado está perfeita-

mente morto e insensivel.

O DOMINGO HISTORICO

9 de abril de 1875—Decreta-se o novo codigo de justiça militar

O marquez de Pombal, cujo centenário a nação em breve vai solemnizar, fez sentir a sua influencia



CAVERNAS E AGULHAS DE CHALEUX

nas se encontram 8 em condições absolutamente normaes; todos os outros são craneos de doentes, ou apresentam vestigios de lesões na região parietal, nos lados da cabeça.

Muitos ficam doentes mentalmente, e o crime é quasi sempre resultado d'essa falta de equilibrio nas faculdades mentaes. O alcoolismo representa um papel importante nas modificações do cerebro. Os

em todos os ramos da administração pública, e o nosso exercito, que desde a paz de 1713 caminhava para um inteiro e completo aniquilamento, graças á energia e perseverança do omnipotente ministro de D. José, foi rapidamente elevado a uma força respeitavel, e dotado de todos os elementos necessarios para defender nos campos de batalha a honra da patria.

Por occasião da guerra com a Hespanha, em 1762, publicou-se uma nova lei de recrutamento, os corpos das differentes armas receberam uma melhor organização, o systema da administração militar foi aperfeiçoado, introduziram-se grandes melhoramentos no arsenal do exercito, o commando em chefe das tropas foi confiado ao conde de Lippe, que servira debaixo das ordens de Frederico, e dentro em poucos mezes as nossas forças militares tinham soffrido uma transformação radical e estavam completamente regeneradas.

Era o conde de Lippe um general extremamente severo na disciplina, e se d'isso não restassem muitos exemplós nas paginas da nossa historia militar durante o tempo do seu commando, bastaria para o provar a simples leitura dos chamados artigos de guerra, especie de pequeno código em que regulamenteou tudo que dizia respeito a justiça militar.

Esses artigos resentiam-se não só do genio disciplinador de quem os dictára mas também do espirito e costumes da epocha em que foram escriptos, comtudo apesar de n'elles existirem muitas disposições, que por excessivamente barbaras, foram cahindo em desuso, só ha poucos annos deixaram de ser lei do paiz, quando em 1875 se publicou o novo código de justiça militar.

A. O.

A SENHORA DE NIORT

COMEDIA BURLESCA

(Conclusão)

A SENHORA DE NIORT. — Mas isso é mais caro que as proprias luvas!...

A RAPARIGA. — É verdade, mas leva mais tempo.

A SENHORA DE NIORT. — Se tivesse de gastar com as minhas mãos mais de quinze francos, já não me convinha.

A RAPARIGA. — Olhe o que nós podemos fazer: A mão que ficar mais á vista collocamol-a de fórma que se vejam só quatro dedos; e da outra apenas um.

A SENHORA DE NIORT. — Quatro e um são cinco; — tres vezes cinco: quinze. É isso.

A RAPARIGA. — A senhora quer um vestido rico?

A SENHORA DE NIORT. — Muito rico, oh! muito rico! Ha muito luxo em Niort.

A RAPARIGA. — Quer plumas nos cabellos?

A SENHORA DE NIORT. — Plumam?... E a como se pagam as plumas?

A RAPARIGA. — Contamos geralmente tres francos por cada pluma e dois francos por cada flôr. As joias pagam-se á parte. Se deseja consultar a tabella...

A SENHORA DE NIORT levanta-se. Com muito gosto. Se a menina quer, pega em lapis e papel e veremos em quanto importa tudo.

A RAPARIGA senta-se. Estou ás suas ordens, minha senhora.

A SENHORA DE NIORT. — Dissêmos...

A RAPARIGA. — Um ar de familia garantido por tres annos, cem francos.

A SENHORA DE NIORT. — Parece-me que disse ha pouco por setenta e cinco?

A RAPARIGA. — Não podemos garantir a semelhança

por tres annos, por setenta e cinco francos. Era melhor fechar o estabelecimento.

A SENHORA DE NIORT. — N'esse caso... vá por cem francos! Não se tira o retrato todos os dias.

A RAPARIGA. — A senhora hade ficar contente. Nós fazemos isto com consciencia. Se por acaso o retrato ficar parecido, não lhe levaremos por isso mais caro.

A SENHORA DE NIORT. — Tinhamos, cem francos: Uma mão á vista com quatro dedos, doze francos.

A RAPARIGA. — Já escrevi: doze francos.

A SENHORA DE NIORT. — Outra mão no escuro vendose um dedo, tres francos.

A RAPARIGA. — Tres francos.

A SENHORA DE NIORT. — Gostava que fosse o dedo pollegar.

A RAPARIGA. — Devia ser mais caro, mas queremos levar-lhe barato. Tinhamos fallado de duas plumas para os cabellos. Duas plumas é bastante?

A SENHORA DE NIORT. — O melhor é tirar um dedo e augmentar uma pluma.

A RAPARIGA. — N'esse caso são tres plumas a tres francos, nove francos. A senhora não tem predilecção por certas côres?

A SENHORA DE NIORT. — Ponha de todas.

A RAPARIGA. — De que côr é o forro da sua sala?

A SENHORA DE NIORT. — A sala é forada de lá cerçada de ramagens, com uma passamanteria amarella imitando a sêda. É muito bonita.

A RAPARIGA. — Deve dominar o amarello. De resto é muito rico. Pedem-nos muitos retratos amarellos para a America. Pomos meia duzia de flôres para realçar o penteado. Seis flôres a dois francos: doze francos.

A SENHORA DE NIORT. — Que flores são estas a um franco e cincoenta que aqui se acham marcadas?

A RAPARIGA. — Flôres do campo.

A SENHORA DE NIORT. — Ah! faz obsequio de não pôr uma unica!

A RAPARIGA. — Esteja descansada minha senhora, conheci logo com quem estava tratando... Temos cento e trinta e tres francos. — Um pescoço decotado, com accessorios... doze francos.

A SENHORA DE NIORT. — É isso que acho caro!

A RAPARIGA. — Cheia como é a senhora, é de graça. Tinhamos, cento e trinta e tres com doze: cento e quarenta e cinco. A senhora não quer cinco francos de joias para fazer uma conta redonda?

A SENHORA DE NIORT. — Está-me a arrastar a despesas... Não queria gastar tanto.

A RAPARIGA levanta-se. — Não encontra em parte alguma um bello retrato a oleo, garantido por tres annos, por este preço.

A SENHORA DE NIORT. — Oh! em Niort!... (Proximo da saída) Decididamente é muito caro. Tenho que renunciar ao meu desejo.

(Sae).

A RAPARIGA no limiar. — Renunciar! Oh! a senhora não ama seu marido!

A SENHORA DE NIORT entra precipitadamente. — A elle!... a Carlos!... não o amar!... Depois de dez annos de casados!!

A RAPARIGA. — Mas se a senhora quer fazer um perfil sae-lhe por meio preço. Tirando a mão e algumas plumas...

A SENHORA DE NIORT. — Oh! não, não; nada de plumas...

A RAPARIGA. — Vou-lhe propôr um negocio muito vantajoso.

A SENHORA DE NIORT. — O que é?

A RAPARIGA. — Tenho um retrato de madame Pompadour, devido ao pincel de...

A SENHORA DE NIORT. — De?...?

A RAPARIGA. — De Rubens! É simplesmente uma maravilha. Compramol-o no leilão do conde Branzikovitcz.

A SENHORA DE NIORT. — Mas não sei onde a menina quer chegar.

A RAPARIGA que foi buscar um retrato debaixo do balcão, colloca-o em cima da meza, diante da senhora de Niort. — Com alguns retoques fica muito parecido com a senhora, e vendolho por cento e vinte francos.

A SENHORA DE NIORT. — Vejamos... vejamos... (Examina o quadro). Não acha que é mais bonita do que eu?

A RAPARIGA escandalizada. — Madame de Pompadour... mais bonita do que a senhora!... Nunca foi!

A SENHORA DE NIORT. — E é de Rubens?

A RAPARIGA. — É de Rubens. E aqui está a assignatura. Tudo que vendemos é assignado. A occasião não pode ser melhor. Ter um retrato seu, por este preço, e assignado com o nome de Rubens.

A SENHORA DE NIORT. — A cabeça é bonita.

A RAPARIGA. — Adoravel.

A SENHORA DE NIORT. — Mas o fato é que é desusado.

A RAPARIGA. — Isto de modas mudam todos os dias... Quer ir posar immediatamente?

A SENHORA DE NIORT. — Com muito gosto.

A RAPARIGA. — Vou prevenir para o atelier. Ha de ficar um bello retrato. (A rapariga sopra pelo porta-voz de caotchuc que corresponde com o atelier. — Responde-lhe um assobio.) Mande buscar o retrato numero 236 de madame Maintenon.

A SENHORA DE NIORT. — Mas ha pouco disse-me madame de Pompadour?

A RAPARIGA. — É tudo o mesmo. (No porta-voz) É para retocar immediatamente. A senhora sobe. Approprie o melhor que possa a cabeça ás circumstancias. É para a provincia.

O ENCARREGADO. — ?

A RAPARIGA. — Não entendo.

O ENCARREGADO. — ?

A RAPARIGA. — Não é preciso dizel-o. Deixe o retrato que está a fazer.

O ENCARREGADO. — ?

A RAPARIGA. — O sr. Paulo que o substitua. Que pinte bigodes ao grande Frederico; será venda certa.

O ENCARREGADO. — ?

A RAPARIGA. — Falle mais alto. Está-me a soprar na orelha e não o intendo.

O ENCARREGADO. — ?

A RAPARIGA. — Já lhe disse que isso não faz nada para o caso. Deixem as decorações. (Um homem abre uma porta e vem buscar o retrato) A senhora pode subir.

(Enquanto a rapariga dava as ordens para o atelier, a senhora de Niort, diante do fogão, estava-se preparando para posar. Volta-se bruscamente, as faces encarniçadas, as sobrancelhas d'um preto carregado, etc.)

A SENHORA DE NIORT. — Estou bem assim!

A RAPARIGA. — Um verdadeiro Rubens!... (aparte). Depois dos retoques. (A rapariga abre a porta do atelier.) Por aqui, minha senhora, por aqui. Tome cautella... Tem a subir cento e vinte cinco degraus.

A SENHORA DE NIORT. — (assustada) Cento e vinte cinco degraus!... Deus de misericordia!...

A RAPARIGA. — Quanto mais perto se está do sol mais bello é o dia e melhor sahem as pinturas.

A SENHORA DE NIORT. — Enfim!... A menina faz de mim tudo o que quer. Mande-me o meu retrato,

em sendo oito horas da noite, ao hotel da *Perda Albion*.

A RAPARIGA.—Estará lá ás sete horas e cincoenta e nove minutos, o mais tardar.

A SENHORA DE NIORT.—(com um suspiro) Foram cento e vinte cinco degraus que disse?

A RAPARIGA.—Proximamente...

A SENHORA DE NIORT.—Não se esqueça de mandar retocar a assignatura de Rubens. Não se lê muito bem.

A RAPARIGA.—Mandamol-a refazer.

A SENHORA DE NIORT.—N'esse caso que fique lettra mais grossa.

A RAPARIGA.—Para dar mais nas vistas! Esteja descançada.

A SENHORA DE NIORT.—Pensa que este retrato agradará a meu marido?

A RAPARIGA.—Para que lhe não agradasse seria preciso que o sr. seu marido fosse mais difficil do que Luiz XV.

A SENHORA DE NIORT.—Não o tenho habituado a isso.

A RAPARIGA.—Espero que se não esqueça da nossa casa quando voltar a Paris.

A SENHORA DE NIORT.—Pode contar com isso. Heide-lhe cá mandar meu marido. (Com enthusiasmo.) É um bello moreno!

A RAPARIGA.—A nossa casa faz os morenos como ninguém. É uma especialidade.

A SENHORA DE NIORT.—E depois mandarei os meus filhos para se photographarem.

A RAPARIGA.—Pode vir a ser uma renda.

A SENHORA DE NIORT.—Até outra occasião, menina. Vou *poser*.

A RAPARIGA.—(aparte.) *Poser!* Mas tu não fazes outra cousa ha mais de meia hora!...

QUATRELLES.

HORAS DE OCIO

Charadas novissimas

Suspende o globo com uma narração — 2, 2.
Mesmo no leito estás de galhofa? Pois chut, ahí vem o eleito — 2, 1, 1.

Uma nota de 400 contos por uma colher! — 1, 2.

BOTÃO DE ROSA.

Lexicologia

Hora, Paro, Medo, Fato, Lima, Balão, Rato, Boa.

Acrescentar a mesma letra a estas oito palavras e encontrar outras oito de um sentido completamente differente).

MONTE DE OSSEIRA.

Charada

(Ao distincto e amavel charadista Hamlet)

Se em Macau tu me procuras — 1
Has-de em mim primeiro entrar — 2
Se nada queres comigo,
Porque me vens procurar?

CARMELITA.

Repetimos a charada novissima do n.º 4, porque saiu sem o numero das syllabas, sendo por conseguinte impossivel adivinhá-la. É a seguinte:

Este homem d'aqui a pouco está mui semelhante — 2, 2.

HAMLET.

Soluções dos problemas do n.º 4

Enigma — Arara.

Charadas novissimas. — 1.ª Loanda, 2.ª Montenegro. A solução da terceira não a damos, porque a repetimos n'este numero.

Soluções certas

Charadas novissimas. — Pedro José Cathancas (Elvas), A. Marques Guedes (Vizeu), Hamlet (Mereana), Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), Carmelita, Nadège (Coimbra), Vasco (Coimbra), Monge de Osseira (Pitões de Júnias), Benedicta Barros (Setúbal).

Enigma. — Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), Nadège (Coimbra), B. C. (Vianna do Castello), Teniers (Santarem), Carmelita, Zara.

Pergunta philologica

Caro sr. redactor.

Estou sendo feliz, já vejo, com as minhas perguntas, e encontro logo quem me responda e me explique as minhas duvidas. Isto anima-me, e parece-me que afinal sempre me abalancarei a mais altas empresas. Hoje estou com pressa e mal humorado. Desandou a chover aqui em Carteira, que me parece que nem pôde sair a procissão á rua. Eu o que tinha pedido a Deus Nosso Senhor não era chuva, era vento, por causa de um patife de um pedreiro-livre, que me rõe sempre na congrua, e carrega com o pendão no prestito de sexta-feira. Um ventinho bem puxado, que se enrolasse na bandeira sagrada, e pespegasse com o porta-bandeira nas pedras da calçada, que são duras que é um regalo, não deixava de me fazer conta. Mas Deus Nosso Senhor, que, aqui para nós, nunca ponde tragar o caso da Hermengarda, em vez de mandar vento, manda chuva, e isso é que me não faz conta, porque eu tambem a apanho. Mas, sr. redactor, confesse que já é ser de reserva! Por causa d'aquelle namorico da Hermengarda, que me não rendem coisa alguma senão lambada bravia, estar ainda comigo de rixa velha!... Um namorico rhetorico e platonico, porque eu, apanhando-me sózinho com ella, fiz-lhe um discurso: «Sabes, tu, Hermengarda?...» Palavra, sr. redactor, não sabes do discurso. Eu sempre era muito gothico, n'aquelle tempo! Fosse agora!...

Mas enfim, vamos ao que importa, que foi sempre a lingua que me perdeu. Estou pois em casa, de mau humor, e leio, para me consolar, o *Diario de Noticias*. Diz-me esse popular jornal que uns *ovarinos* fizeram e que uns *ovarinos* aconteceram... *Ovarinos!* disse eu comigo. Será *ovarinos* que se diz? Tenho ouvido dizer *varinos*. Mas *varinos* porque? *Ovarinos* vem de Ovar, e isto explica logo a uma pessoa o motivo porque é assim que se chama a varios ratões de Aveiro. Vamos a um *dicionario*. Tenho em casa o magnifico *dicionario* do sr. Basilio Castello-Branco, formoso livro de 2.000 paginas, que eu já me lembrei de impingir ao patife do pendão, dizendo-lhe que é o Evangelho, e obrigando-o a carregar com elle. Tem a vantagem de servir mesmo para os dias bons. O pendão só me serve para dias de vento. Será peccado? Eu, se lhe dou o *dicionario*, esnago o homem.

Chamei pois o sachristão, a ama (48 annos authenticos, sr. redactor!), veio o sincero, mais um dos homens que costumam levar o andar, e fomos todos buscar o livro. Aberto na letra V, encontrei o seguinte:

«Varino (*va-ri-nu*) adj. e s. m. — Que é da beira marinha, dos arredores de Ovar e de Aveiro, vareiro. — Embarcação pequena e estreita ordinariamente conduzida á vara: um barco *varino*... Modernamente tem-se introduzido a phrase *ovarino*, derivando a forma de Ovar, mas porque não se disse *avarino* derivando-a de Aveiro? Talvez nos varinos (Plínio e Tacito, etc.) tribu dos suevos que estiveram na peninsula, se encontre a origem tanto da palavra como dos nomes d'aquellas terras.»

Emquanto a Ovar e Aveiro parece-me que tem razão, mas se *Varino* é um barco, dirigido á vara, e se da vara é que vem o nome do barco, parece-me que não seria indispensavel ir incomodar Plínio e Tacito, etc. os suevos. Eu desconfio que, seja qual for a etymologia de *varino*, deve ser a mesma para o barco e para o barqueiro. Agora vir *varino* (barco) de *vara*, e vir *varino* (barqueiro) dos suevos, parece-me tolice, lexicologica, já se vê, porque, lá emquanto ao mais, não ha duvida que um homem vem d'um homem e um barco vem de um pau.

Se algum assignante me quizer explicar o caso, muito lh'o agradecerá o seu venerador

Presbyterio de Carteira, no dia terceiro das monas de abril de 1920 (3 de abril de 1882 da era de Christo).

EURICO.

CORRESPONDENCIA

Victor Narceu. — Lá vai uma das suas poesias. Não queremos que diga que faltámos ás nossas promessas. E não é de má vontade que as cumprimos, entenda-se bem. Os seus versos cantam suavemente no ouvido, e Eleonora deve escutar com perfeito agrado essas melodiosas estrophes. Mas, Deus do céu, muito poeta existe em Portugal! A quantidade de amanuenses, de escripturarios de escriptura de fazenda, que sentem a necessidade de informar o publico, atravez das columnas de um jornal, do puro amor que consagram a uma Elisa ou a uma Margarida é verdadeiramente incalculavel. Agora a imprudencia que commettemos abrindo as portas do nosso jornal ao sr. Victor Narceu vai-nos sair cara. Todos os Camões da provincia vão exigir que ponhâmos aos pés das suas Natercias o *Jornal do Domingo* e o coração d'elles repartido em quadras.

E ha muitos razoaveis! Sabem fazer os versos certos, e não dizem tolices graúdas. As coisas que elles dizem — valha a verdade — podiam ser ditas em prosa, e até podiam deixar de se dizer que não perdiam nada com isso nem os progressos da humanidade nem os leitores do *Jornal do Domingo*; mas enfim as quadras são direitinhas, ou são *sãzinhas*, como de suas fíbas dizia a el-rei que lhe gabara a formosura das raparigas um titular portuguez muito conhecido.

Que os seus não estejam acima do vulgar, sr. Victor Narceu, não o contestamos de certo, mas os vates que ainda se calam quando lhes apresentamos no *Rosicler* os nomes de Bulhão Pato, de Gonçalves Crespo ou de Luiz Guimarães, insurgem-se de certo agora que lhes apresentamos o seu pseudonymo, que ainda não conquistou, como aliás poderá e deverá conquistar, a aureola da gloria.

Auctor da *embrulhada lexicologica-encymatica*. — Desculpe, sabe que o consideramos muito e já temos publicado algumas das suas adivinhações; mas esta, a que alludimos, devemos confessar que excede todos os limites da faculdade. Pois nós não somos rigorosos, e não gostamos de quebrar a cabeça aos leitores. Mas elles que oçam:

«Com a primeira letra do alphabeto no plural, um laço apertado, um homem sem vida, um grão farinha, duas vogaes e a parte posterior de um animal, formar um proverbio conhecido.»

Se, depois de lêrem esta adivinhação que orça pela difficuldade da do «Branco é, gallinha o põe algum leitor nos mandar dizer que e tal proverbio conhecido é *Dá Deus nozes a quem não tem dentes*, então curvamo-nos diante d'essa expressão suprema da calinada nacional.

SCENAS DA VIDA RUSTICA

UMA TRAGEDIA NA CAÇA

A

Raymundo de Bulhão Pato

Onde está o homem está o perigo
(Sabedoria das nações)

I

Setembro é o mez das vindimas e das caçadas. As uvas e as perdizes crescem ao lado umas das outras nos abrigos da encosta; o sol, que doira e purpureia os rubros cachos meio occultos pelas largas folhas verdes, é o mesmo ardente e esplendoroso artista que illumina e matiza a brilhante plumagem d'aquellas formosas aves.

Quando chega essa feliz quadra do anno opera-se uma revolução na vida dos campos: as collinas verdejantes e os oiteiros, até allí ermos e silenciosos, veem-se de repente invadidos por uma multidão irrequieta e rumorosa. Os maltezes beirões e as suas robustas companheiras, com a tez requemada pelos soes do estio nas ceifas do Alentejo, as cabeças cobertas por largos chapéus de grandes abas, assentando sobre os pittorescos lenços de côres garridas, curvam-se sobre as cepas avergadas, e alliviam-lhes as fortes varas dos ponderosos e já maduros cachos. Entre a vinha e o lagar cruzam-se os cestos, uns que voltam, e outros que vão cheios a tres-suar e a gemer, como se a carga lhes pesasse: a poesia vem aligeirar essas horas de trabalho, e os cantares ao des-saio na redondilha peninsular tão facil e tão harmoniosa, entoados pela voz alta e argentina das raparigas, a que respondem em tom mais grave os moços vindimadores, dão um singular encanto a esta scena, e transformam quasi em alegre festa e, ás vezes, em poetico torneio, aquella pesada e dura faina, se entre elles se acha alguma cantadeira celebre ou o travesso

Cupido allí vem armar os seus arraiaes, e disparar os terríveis dardos contra esses agrestes mas sensíveis corações.

Além, na adega, o quadro é outro. As grandes portas encarnadas, abertas de par em par, deixam ver as renques dobradas dos vastos toneis, destacando sobre a alvura immaculada das paredes altas e nuas. Os lagareiros descalços e arregaçados vão e vem preocupados com os trabalhos preparatorios do fabrico, com ar de quem tem a consciencia das importantes funcções que exerce. No meio d'elles o lavrador com o seu grosso jaquetão abotoado, o chapéu serrano um pouco sobre a orelha, uma vara na mão, attende a tudo como um general no calor

da refrega, dirige os trabalhos, distribue as tarefas, dá ordens ao caseiro, estimula os preguiçosos, galhofa com as raparigas, e, recordando-se com as mais velhas d'um passado saudoso, vê o presente a sorrir-lhe nos amplos toneis em que ferve o espumoso licor, nos compradores que vão affluir, e sobretudo na alegria das creanças que o rodeiam, e d'entre as quaes se destacam os rostos angelicos e os olhares tão fagueiros e tão cheios de promessas dos filhos do seu amor!



ESTATUA DE SERVAIS EM HAL

É rapida esta phase da vida agricola. *Adieu paniers, vendanges sont faites*, dizem os francezes. Vinhas, cestos e lagares, tudo volta ao antigo torpor e isolamento, apenas acabam as vindimas. Eram-se de novo os campos já despojados das suas riquezas; os bandos das perdizes expatriadas tornam a ser os unicos habitantes d'aquelles logares ainda ha pouco tão cheios de bulicio, e o canto do perdigão, reclamando as timidas companheiras, é a unica voz que a espaços quebra o silencio d'aquellas solidões.

Esta voz, que parece clamar no deserto, é ouvida. D'entre os matos e as penedias respondem-lhe outras; e, soltando o estridulo, e largo vôo, eis as foragidas outra vez de volta ao patrio torrão, a reco-

nhecer o sitio, e como que a tomar de novo posse dos seus antigos dominios. É sedentaria a perdiz: não emigra como a poetica andorinha, a sombria gallinhola, a elegante e esquivada narceja. Activa e vigorosa a formosa gallinacea ama a terra em que nasceu: ali vive e ali morre.

Eil-a, pois, a percorrer em todas as direcções, por entre as rugosas cepas, os seus trilhos conhecidos e predilectos. Os movimentos são rapidos; aqui e alli vae colhendo ás bicadas e aos saltos os fructos

esquecidos ou despresados pela mão do homem. São esses fructos, é a uva, quem dá á sua carne o delicioso perfume tão grato ao paladar, e que tanto a distancia das suas irmãs da charneca, menos favorecidas da fortuna.

Paz ephemera, fortuna pouco duradoira é essa! Gosa a liberdade e os seus encantos, interessante ave: despede-te d'essas vinhas tão banhadas pelo sol creador, d'esses abrigos tão ensombrados, e que tu procuravas para as sestadas do estio, da fonte escondida, rumorosa e sempre fresca do valle, onde te descedentavas, — de tudo isso que era teu, e que tu dominavas do alto dos montes, castellos roqueiros, que tu julgavas inacessiveis! Dize adeus a tudo e foge! Os teus dias estão contados!

N'este theatro, superior aos outros fabricados pela mão do homem, porque é sempre maior, mais sublime do que os seus actores, n'este theatro, onde ha pouco se representava uma bucolica virgiliana toda rescendente aos suaves e penetrantes aromas do campo, vão entrar novas personagens, passar-se novas scenas, e tu serás a victima escolhida da nova e fatal tragedia! Quem vem acordar agora os ecos dos montes e animar esta paisagem, ha pouco tão tranquilla, não é o côro alegre dos camponezes, ruidoso mas pacifico hymno do trabalho e do amor, é o estrondear da fuzilaria, os latidos das matilhas os gritos dos caçadores!

(Continua).

ZACHARIAS D'ÁÇA.

EXPEDIENTE

Com este numero enviamos aos nossos estimaveis assignantes e correspondentes, a capa para brochura do 1.º volume. Fomos obrigados a faltar á promessa publicada no expediente do n.º 5, por não havermos recebido da fabrica o papel no dia combinado. As nossas desculpas.

Está já bastante adiantado o trabalho dos indices de gravuras e de texto, e serão remetidos na proxima semana.

Typ. e lit. Portuguesa, Calçada do Tijolo, 39. (à Rua Formosa)